

## DIÁSPORA, RESISTÊNCIA E CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE EM POEMAS SELECIONADOS DE *SOFT MAGIC* (2015), DE UPILE CHISALA, E *QUESTIONS FOR ADA* (2015), DE IJEOMA UMEBINYUO

Érica Fernandes Alves  
Geniane Diamante F. Ferreira

**Resumo:** A mulher negra sempre foi, desde o momento da colonização, vítima de dupla discriminação. Deste modo, ela tem de ser vista de forma especial, desde sua origem diaspórica, passando pela resistência, até o processo de formação de sua identidade, em virtude das peculiaridades que o gênero impõe. Assim sendo, este trabalho tem por objetivo analisar alguns poemas em língua inglesa que discutem esses temas, quais sejam, a diáspora, a posição da mulher negra na sociedade e sua resistência e a construção de sua identidade. Os poemas selecionados pertencem às obras *Soft Magic* (2015), de Upile Chisala e *Questions for Ada* (2015), de Ijeoma Umebinyuo. As duas autoras são do continente africano, Malawi e Nigéria, respectivamente, e as obras foram publicadas no mesmo ano, o que nos fornece um denominador comum para efeito de comparação literária. A metodologia se baseia na discussão e aplicação das teorias sobre racismo, discriminação, resistência e identidade desenvolvidas por Davis, Hall, Mohanty, dentre outros. Os resultados revelam que a mulher negra, apesar de toda submissão a ela imposta, consegue, por meio da resistência, recuperar sua identidade para que tenha condições de integrar a sociedade em que está inserida.

**Palavras-chave:** Mulher negra. Diáspora. Resistência. Identidade.

**Abstract:** The black woman has always been a victim of double discrimination since the colonization. Thus, she has to be understood in a special way, from her diasporic origins, through resistance, to the process of developing her identity due to the peculiarities that the genre imposes on her. Therefore, this work aims to analyze some poems written in English which discuss the themes of diaspora, the position of black women in society and their resistance and identity formation process. The poems selected are in the books *Soft Magic* (2015), by Upile Chisala and *Questions for Ada* (2015), by Ijeoma Umebinyuo. The two authors are from the African continent, Malawi

and Nigeria, respectively, and the works were published in the same year, which provides us with a common denominator for the purpose of literary comparison. The methodology is based on the discussion and application of the theories about racism, discrimination, resistance and identity developed by Davis, Hall, Mohanty, among others. The results reveal that a black woman, despite all the submission imposed on her, manages through resistance to regain her identity so that she is able to integrate the society in which she is inserted.

**Keywords:** Black woman. Diaspora. Resistance. Identity.

## INTRODUÇÃO

A mulher negra sofre o que Davis (2016) proclama: uma discriminação promovida pela intersecção gênero, raça e classe. Em um estudo realizado sobre o papel das mulheres negras escravizadas nos Estados Unidos, Davis afirma que em sua condição de escravas, sua mão de obra era explorada nas lavouras tal qual a dos homens, porém,

[...] sofriam de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus-tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos a elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas, quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas de modos cabíveis às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmeas. (DAVIS, 2016, p. 19)

Embora Davis foque sua pesquisa nas mulheres negras dos Estados Unidos, esse estudo pode ser estendido às

mulheres negras do mundo todo, uma vez que abarca invariavelmente aspectos comuns à vida de muitas delas. Onde a mão de obra negra foi utilizada, podemos perceber resquícios claros da colonização na trajetória dessas mulheres. Com a globalização, a divulgação de histórias similares mundo afora prova que a mulher negra ainda hoje é afetada pelas consequências de sua escravização.

Nessa perspectiva, ela tem de ser vista de forma especial, desde a diáspora, advinda do tráfico escravagista, passando pela resistência, até o processo de formação de sua identidade, em virtude das peculiaridades que o gênero, raça e classe lhe impõem. Em se tratando da diáspora, podemos afirmar que esse movimento foi e ainda é responsável por modificar profundamente a identidade dos sujeitos ao inseri-los em uma nova sociedade onde as negociações e embates em torno da cultura são frequentes.

Deste modo, o objetivo desse trabalho é analisar alguns poemas selecionados das obras *Soft Magic*, de Upile Chisala, e *Questions for Ada*, de Ijeoma Umebinyuo e discutir os temas da diáspora, do papel da mulher negra na sociedade, sua resistência e a construção de sua identidade, por meio da discussão e aplicação das teorias sobre racismo, discriminação e identidade desenvolvidas por Davis, Hall,

dentre outros. Observamos que a mulher negra, apesar de toda submissão a ela imposta, consegue, por meio da resistência, recuperar sua identidade para que tenha condições de pertencer à sociedade em que está inserida.

Ambas as autoras figuram entre as expoentes da poesia africana feminista em língua inglesa na segunda década do século XXI. A autora Upile Chisala nasceu em 1994 no Malawi. É socióloga, ativista e imigrante vivendo na África do Sul. Escreveu os livros *Soft Magic* (2015), traduzido para o português e publicado em 2019 pela editora LeYa como *Eu destilo melanina e mel, Nectar* (2017) e *A Fire Like You* (2020). Sua temática principal é acerca das histórias de sujeitos que se encontram à margem. Em uma reportagem do jornal eletrônico *The National News* sobre o trabalho de Chisala, o jornalista Hawksley comenta que: “Não é surpreendente que as pessoas procurem Chisala. Seus poemas - declarações de amor curtas e apaixonadas ou gritos de desespero - capturam todas as complexidades de crescer, apaixonar-se e desapaixonar-se e encontrar seu lugar no mundo” (HAWKSLEY, 2019, s.p., tradução nossa).

Seu primeiro livro, *Soft Magic*, foi publicado em 2015 e aborda questões sobre a mulher negra, sua identidade e experiência na sociedade. A autora dá voz à história

de opressão que tem sido há anos silenciada, mas não de modo agressivo. Essa voz aparece clara e acolhedora. Ela é ao mesmo tempo forte e vulnerável, ou seja, assim como a mulher que a autora almeja representar.

Ijeoma Umebinyuo, por sua vez, é uma poeta nigeriana e considerada uma das melhores autoras modernas da África. Hoje é uma imigrante vivendo nos Estados Unidos. Começou a escrever aos 7 anos e seus contos e poesias recebem críticas positivas, sendo inclusive nomeada entre as dez melhores escritoras subsaarianas no ano de 2016 pelo Writivism, site que promove a literatura africana desde 2012. No site, a menção à escrita de Umebinyuo expressa a riqueza de sua tessitura “De vez em quando aparece um poeta e descobre-se que não há palavras suficientes no dicionário para fazer justiça ao seu requinte e ao de seu trabalho. Ijeoma Umebinyuo é essa poeta” (SAWLANI, 2016, s.p., tradução nossa).

Seu primeiro livro de poesias, *Questions for Ada* (2015), foi traduzido para muitas línguas, incluindo o turco e o russo. Umebinyuo escreve sobre dor, mas também sobre a celebração da cura. Ela expõe como a mulher africana tem de persistir/resistir para se tornar sujeito/agente. É um chamado para as mulheres não desistirem dessa jornada,

para reclamarem sua posição e perceber o quão importante e até sagrado é esse papel. Em uma entrevista, Umebinyuo assim define o público para quem escreve:

Para muitas pessoas que não se veem representadas com frequência na literatura. Para meninas e meninos africanos. Para meninas negras. Para mulheres de cor. Para imigrantes. Para quem se sente sozinho. Para a saúde mental. Para todos que acreditam que a cura é necessária, que narrativas como a minha não são apenas importantes, mas muito necessárias. Em última análise, estou escrevendo por causa da experiência humana. (UMEBINYUO, 2021, s.p., tradução nossa)

As vozes das duas escritoras em pleno século XXI trabalham em uníssono, tal a sintonia de assuntos que abordam. Revelam-se os problemas, as dores, as lutas das mulheres, mas ressaltam-se sua resistência, sua força, sensualidade e desejos, não limitando a mulher negra ao papel comumente relegado a elas pela história: o de mulheres objetos, escravas, mães, empregadas domésticas ou babás. Nos dois livros, há uma celebração constante do que a mulher e, especialmente, a negra é capaz de fazer por si só. Nos poemas elencados, buscamos mostrar o diálogo entre mulheres, diáspora, resistência e identidade.

## MULHERES NEGRAS E A DIÁSPORA

Iniciamos esse artigo trazendo para discussão a problemática advinda da escravidão das mulheres negras. Com a diáspora promovida pelo tráfico escravagista, as mulheres africanas se dispersaram pelo mundo tendo que se adaptar às mais terríveis crueldades cometidas pela elite branca que muito se beneficiou de seu sofrimento. Apesar da separação de sua terra e de sua família, o povo africano, aos poucos, se adaptou aos novos locais onde foi inserido. A diáspora durante a colonização foi forçada para os sujeitos negros, sendo que eles não exerciam nenhuma escolha de seu destino.

Após o fim da escravidão e, em seguida, da independência dos países colonizados pelas nações europeias, os sujeitos oriundos das ex-colônias vislumbraram a oportunidade de viajarem pelo mundo em busca de novas oportunidades. Nesse momento, a diáspora passou a ser uma escolha ou uma *quase* escolha, se pensarmos que muitos sujeitos saíram de suas terras natais devido às guerras civis e fome provocadas pela própria colonização. Entretanto, podemos concluir que o sujeito diaspórico passa a ter um certo grau de escolha, pois não mais é arrancado contra sua vontade de seu país e de sua família.

De acordo com Brah (2002), a palavra diáspora, por si só, invoca uma série de traumas ligados à separação e ao deslocamento e tal característica é um aspecto essencial no processo migratório. Observemos os poemas:

you were born balancing languages on your  
tongue.  
your family is several borders living under  
one roof,  
bickering in the blood.  
darling,  
whenever you find yourself  
you are foreign. (CHISALA, 2015, s.p.)

**Diaspora blues**

So,  
here you are  
too foreign for home  
too foreign for here  
Never enough for  
both. (UMEBINYUO, 2015, p. 175)

Nos dois poemas divisamos algumas similaridades em torno do sujeito diaspórico. Em Chisala, o eu-lírico se dirige a um você (*you*) que não é nomeada e que está longe de sua família, mas que onde quer que se encontre é uma estrangeira. No poema *Diaspora blues*, de Umebinyuo, o eu-lírico também se dirige a um você (*you*) também não nomeada, mas, que assim como em Chisala, é uma estrangeira tanto em sua nação, representada pela palavra “home” quanto no local onde está, representado pelo termo “here”.



No poema de Chisala, observamos alguns traços característicos da colonização: o primeiro verso pode representar o processo pelo qual o idioma do colonizador foi introduzido nos países colonizados e os sujeitos tiveram que aprendê-lo, “you were born balancing languages on your tongue”. Além disso, os segundo e terceiro versos revelam as minúcias da cultura de sua família, morando todos juntos sob o mesmo teto e brigando entre si: “your family is several borders living under one roof, / bickering in the blood”. No poema de Umebinyuo, a repetição do termo “too” reforça a dificuldade do sujeito diaspórico se encaixar tanto em sua terra natal quanto naquele para o qual imigrou. Além disso, o advérbio de frequência “never” no penúltimo verso, mostra a incapacidade de adaptação completa.

Em Chisala, em se tratando da estrutura do poema, vemos o sujeito, a quem o eu-lírico se refere, sozinho, representado pela palavra “darling” em um único verso. Em Umebinyuo, o poema é centralizado, mostrando como o sujeito não está em nenhum dos dois locais (*home/here*), mas no centro e, ao mesmo, tempo, sozinho e isolado. O próprio título do poema, “diaspora blues”, se refere a esse isolamento, uma vez que a palavra *blues* se refere à tristeza e ao gênero musical que transmite lamento. Assim, concluímos que ambos os sujeitos

a quem os eu-líricos se referem são sujeitos cindidos num entrelugar (Bhabha, 1998), divididos entre sua terra natal e onde habitam, sem encontrar completude.

Apesar da negatividade presente nos versos das duas autoras, Brah afirma que as “diásporas são potencialmente, também, lugares de esperança e novos começos. Elas são terrenos culturais e políticos disputados, onde memórias individuais e coletivas se colidem, se reagregam e se reconfiguram (2002, p. 193, tradução nossa).

É nessa perspectiva que os poemas a seguir são concebidos: entre o trauma e a esperança, entre a separação e novos começos:

sadly  
when the ocean is your border  
you must make do.  
home is far  
and your hunger for it  
might make your bones ache.  
so you study the supermarkets  
till you know where  
to can find  
goat meat  
and  
cassava  
and  
cornmeal  
and  
peanut flour  
and  
okra

and  
dried fish  
and pumpkin leaves,  
food that jogs your memory,  
after all  
you must make do.  
I am sorry,  
home is far and  
you're hungry for it  
and  
the stubborn ocean won't disappear.  
(CHISALA, 2015, s.p.)

### **First Generation**

Here's to the security guards who maybe had a degree in another land. Here's to the manicurist who had to leave her family to come here, painting the nails, scrubbing the feet of strangers. Here's to the janitors who don't even understand English yet work hard despite it all. Here's to the fast food workers who work hard to see their family smile. Here's to the laundry man at the Marriott who told me with the sparkle in his eyes how he was an engineer in Peru.

Here's to the bus driver, the Turkish Sufi who almost danced when I quoted Rumi. Here's to the harvesters who live in fear of being deported for coming here to open the road for their future generation. Here's to the taxi drivers from Nigeria, Ghana, Egypt and India who gossip amongst themselves.

Here's to them waking up at 4 a.m., calling home to hear the voices of their loved ones. Here's to their children, to the children who despite it all become artists, writers, teachers, doctors, lawyers, activists and rebels. Here's to international money

transfers. For never forgetting home.  
Here's to their children who carry the  
heartbeats of their motherland and even in  
sleep, speak with pride about their fathers.  
Keep on. (UMEBINYUO, 2015, p. 176)

Os dois poemas abordam o tema da adaptação do imigrante às novas nação e cultura. No poema de Chisala, a expressão “you must make do” se repete duas vezes. A expressão peculiar tem o significado de “lidar com algo que não é realmente bom o suficiente” (OXFORD..., [c. 2021], s.p., tradução nossa). Assim, o eu-lírico, referindo-se a si mesma como “you”, observa que ao se encontrar longe de sua terra natal, é necessário criar alternativas não perfeitas para conseguir se adaptar ao contexto. Aqui, a imigrante refere-se principalmente à comida que não é tão fácil de encontrar no país que a acolheu, desse modo, ela precisa andar pelos supermercados para encontrar o que procura.

Em termos de estrutura, há a repetição constante do termo “and” em uma sequência de versos, seguidos por alimentos comuns à terra natal do eu-lírico. A repetição seguida dos alimentos marca a fome “and your hunger for it”, no quinto verso. Essa fome da qual a imigrante se refere não é apenas no plano físico, mas remete-se à saudade do lar. No final do poema, há a repetição da palavra fome novamente – “hungry”, metaforizando como a imigrante sente falta de sua terra natal.

Observamos que a imigrante do poema não só “tenta recuperar e manter a sua terra natal como recriá-la, de modo que ela permanece viva e atuante em um país diferente” (ALVES, 2010, p. 43). Ao buscar diferentes supermercados que vendam produtos iguais aos de sua terra de origem, a imigrante recria um pedaço dessa terra e não se deixa assimilar pela cultura culinária da nação onde reside.

O poema em prosa de Umebinyuo, como a autora o define, delinea a vida de inúmeros imigrantes vivendo às margens da sociedade onde estão *inseridos*. O título do poema faz menção aos primeiros imigrantes a chegarem no país estrangeiro e a descrição de suas ações denota as dificuldades comuns por eles encontradas: idioma – “the janitors who don’t even understand English yet work hard despite it all”; subempregos mesmo para os qualificados – “the security guards who maybe had a degree in another land” e “the laundry man at the Marriott who told me with the sparkle in his eyes how he was an engineer in Peru”; saudades da terra natal, cultura e família – “the bus driver, the Turkish Sufi who almost danced when I quoted Rumi”, “the fast food workers who work hard to see their family smile” e “them waking up at 4 a.m., calling home to hear the voices of their loved ones”; e trabalho árduo e economia de

gastos para enviar dinheiro para casa – “international money transfers. For never forgetting home”.

Esses aspectos elencados se ligam aos conceitos de pertencimento e diáspora propostos por Safran (1991 apud VAN HEAR, 2008). Safran explica que os imigrantes mantêm forte relação com a terra natal e que sua convivência e desenvolvimento de um pensamento étnico e solidário depende dessa relação. O final do poema denota essa questão de forma ainda mais pungente ao mencionar os filhos dos imigrantes que não esquecerão sua terra natal, mesmo que esse local não seja a mesma de origem de seus pais: “their children who carry the heartbeats of their motherland and even in sleep, speak with pride about their fathers”.

Embora Umebinyuo nomeie seu poema como *First Generation*, o poema faz alusão aos filhos dessa primeira geração e, nesse sentido, observamos que a segunda geração de imigrantes tem maiores chances de se adaptar à cultura dominante, conseguir melhores empregos e oportunidades e até se engajarem nas lutas sociais: “the children who despite it all become artists, writers, teachers, doctors, lawyers, activists and rebels”. Sobre isso, Alves argumenta que o encontro entre culturas diferentes propicia “as identidades pluralísticas, capazes de subverter os conceitos

e preconceitos estabelecidos. Essas identidades carregam o símbolo do hibridismo, do multiculturalismo, que são responsáveis pelo desenvolvimento da criatividade nas esferas públicas e privadas das sociedades” (ALVES, 2010, p. 158).

Diferentemente dos dois poemas anteriores, esses trazem uma nova luz sobre a diáspora, ou seja, ela não deixa de ser traumática, mas exige e possibilita, ao mesmo tempo, uma adaptação do sujeito diaspórico ao contexto em que se insere. Desse modo, a identidade é reconfigurada. O eu-lírico do poema de Umebinyuo dedica seus versos aos muitos imigrantes de primeira e segunda geração e termina com uma mensagem de esperança e resiliência, “keep on”, sugerindo que o sujeito precisa resistir para conseguir sobreviver aos muitos percalços que enfrenta enquanto imigrante.

### **MULHERES NEGRAS E RESISTÊNCIA**

Como já mencionado, a proposta desta pesquisa é analisar a diáspora, a resistência e a construção da identidade em alguns poemas das obras *Soft Magic* e *Questions for Ada*. A ordem desses elementos é escolhida de forma proposital, uma vez que a diáspora faz com que o sujeito se encontre com o Outro, precisando então de resistência para retomar sua identidade. Esse é o caminho de tornar-se sujeito

novamente, após a objetificação e a conseqüente posição de subalternidade.

Assim, é na zona de contato que, ao conhecer a outremização, o sujeito, agora figurando como o outro, usa da resistência para se defender dos moldes europeus e estadunidenses a ele impostos. É com o uso da voz, da subversão e uso da língua do Outro que o imposto sistema monolítico começa a ruir, pois o falar/escrever é, afinal, uma atitude e isso quebra a primazia do invasor/colonizador/discurso branco.

Deste modo, quanto à resistência, podemos vê-la tanto na forma violenta ou passiva e também discursiva. Quanto à de forma violenta, destacamos o nome de Frantz Fanon (1925-1961), psiquiatra, filósofo, revolucionário e escritor; nascido na ilha caribenha da Martinica, quando colônia francesa, que foi grandemente influenciado pelo abuso do povo da Martinica por parte do exército francês. Suas experiências contribuíram para o seu livro de maior destaque, *Pele Negra, Máscaras Brancas* (1952), uma análise do efeito da subjugação colonial sobre a humanidade. Seu trabalho tem uma *essência racial* que não é somente negra, mas que se estende a quaisquer pessoas colonizadas. Fanon se tornou, assim, um defensor da resistência e da revolução contra o



colonialismo. Tal resistência, defendia ele, se dava por meio da violência, tendo inspirado líderes como Ali Shariati no Iran, Steve Biko na África do Sul, Malcolm X nos Estados Unidos e Ernesto Che Guevara em Cuba, além de palestinos e afro-americanos. “A articulação de Fanon dos requisitos básicos de uma cultura nacional foi suficientemente rigorosa para anteciper uma das posições mais radicais de nossa crítica contemporânea” (ASHCROFT, 1995, p. 159, tradução nossa).

Segundo Fanon (1990), a resistência consiste em uma reação natural, porque ela proporciona libertação, além de unidade. Vejamos tais elementos em um dos poemas de *Soft Magic* e outro de *Questions for Ada*, respectivamente:

Darling,  
women like you are known to carry war  
between  
your teeth and still manage to slide soft  
words off  
your tongue.  
you baffle them with how you fit both  
battle and peace  
in your body. (CHISALA, 2015, s.p)

#### **Survival**

I have always wondered  
how women who carry war  
inside their bones  
still grow flowers  
between their teeth. (UMEBENYUO,  
2015, p. 19)

É evidente e inevitável a comparação entre os dois poemas, uma vez que ambos tratam o viver como uma guerra. Enquanto Chisala fala de dentes, Umebenyuo fala também de ossos. Ossos e dentes são feitos da mesma substância (cálcio); mas dentes estão expostos, ao passo que os ossos fazem parte da composição interna. Podemos ler que tais mulheres são constituídas do espírito da guerra na forma de resistência, tanto interna, quanto externamente. No entanto, tal posição de vigor e poder nem sempre é revelada de forma violenta. Mesmo com os dentes expostos (um sinal de resistência e até violência), as mulheres, e isso parece ser próprio delas, as mulheres conseguem discursar de modo delicado: “still manage to slide soft words off / your tongue”. O fato de conseguirem compor resistência e mansidão parece confuso: “you baffle them with how you fit both / battle and peace / in your body”. Em *Survival* também verificamos tal curiosidade: I have always wondered.

Mas mostra-se aí uma resistência forte, porém não violenta. Da mesma forma, apesar do vocábulo *guerra* – “war” – em ambos os poemas, a forma como essa guerra se apresenta pode ser interpretada como o ato de cultivar sendo uma metáfora do renascimento: “still grow flowers / between their teeth”. Ou seja, o ato de estar viva e renascer a cada dia

configura-se como resistência que, oriunda de uma dor e de desejo de ferocidade, escapa de forma não violenta. Deste modo, vemos que a resistência da mulher negra aparece nos pequenos gestos diários: é uma resistência contínua e firme que tem vital importância para o movimento de libertação tanto de homens quanto de mulheres. Elas ocupam o papel da construção de comunidade (*community building*), fundamental para a resistência tanto individual quanto de forma coletiva. O poema de Chisala apresenta o vocativo “Darling”, que perpassa todo o livro. A recorrência do termo mostra, de certa forma, esse intuito de acolhimento. Tal esforço compreende-se pela

potencialidade do nativo para fomentar a comunidade, o altruísmo, a reconciliação e a inclusão. De fato (o colonizado) empenha-se em *construir a comunidade*: promove encontros de nativos, acolhe as pessoas excluídas, unifica a nação, e é elo de união na família [...]. (BONNICI, 2005, p. 20, grifos do autor)

Essa é, assim, também uma forma de resistência: a não violenta. Assim como Fanon, Hannah Arendt (1906-1975), teórica política alemã, sempre lembrada como filósofa, embora recusasse tal título, tendo sido judia e obrigada a refugiar-se fora da Alemanha, também se dedicou a estudar a resistência. No entanto, suas reflexões operam em seu

modo não violento. Segundo ela, no que tange a disputa de poderes, não há vencedores, pois a violência tem assumido, historicamente, papel determinante nas questões de humanidade, já que, ao contrário do poder, a violência não precisa de legitimidade, mas de implementos. Uma violência bem implementada apresenta artefatos que podem destruir o poder ou subjugar outra nação imediatamente, o que não advém do poder em si. Quando não há poder, ou ele é perdido, ele é passível de ser substituído pela violência (ARENDR, 1969). Um dos ícones da defesa da não-violência foi Mahatma Gandhi, além de Martin Luther King e Nelson Mandela. Vejamos no seguinte poema como tal resistência não violenta aparece:

For black girls who have to pretend to be  
strong yet go  
home breaking down in the middle of the  
night, trying  
to breath. Trying to breath  
For black girls battling depression. For those  
who feel  
so alone in a world telling them this is for  
whites alone.  
Please, live.  
For black girls who are imperfect, insecure  
and trying  
to fit into a world that stifles their voice.  
For black girls still learning to glow.  
For black girls trying to fit into a world so  
afraid of  
their beauty they sell them creams to

lighten their skin.  
For their black skin.  
For black girls who smile when they see  
themselves  
represented.  
Live.  
Live.  
Live.  
Live. (UMEBINYUO, 2015, p. 6)

O texto deixa claro o sofrimento, a invisibilidade, a mudez, a insegurança impostos. Há inclusive um ataque à identidade no que concerne à indústria cosmética e ao padrão de beleza, próprio contra mulheres. No entanto, o poema mostra resistência a tais agressões: ele traz representatividade e empoderamento, mas não de forma violenta. As meninas negras do poema se fingem seguras, lutam contra a depressão, tentam se encaixar e aprender a brilhar contra a ditadura da beleza da pele branca e sorriem quando se veem representadas. O clamor é para que elas simplesmente mantenham-se vivas: “Please, live”. Por fim, o convite é reforçado: “Live. Live. Live. Live.”, configurando-se aí uma resistência também eficaz e perene, porém não violenta, característica indelével da mulher negra. Tal clamor pode ser lido ao lado do poema *Survival*, porque “still grow flowers”, que como dissemos é uma metáfora para o renascer, para o permanecer viva mesmo com as adversidades.

Não podemos deixar de salientar que, quanto às mulheres, temos que voltar nosso olhar para as mulheres não brancas e de terceiro mundo. Elas são elementos chave, porque “[...] é o contexto comum de luta política contra as hierarquias de classe, raça, gênero e imperialistas que podem constituir a terceira mulher como um grupo estratégico nesta conjuntura histórica” (MOHANTY, 1986, p. 339, tradução nossa).

Exemplo disso são as próprias autoras que, provindas de países do continente africano, se fazem escutar por meio de suas obras. É importante lembrar que o movimento feminista nasce em um contexto de mulheres brancas e abastadas. Assim, torna-se imperioso o feminismo negro, porque o preconceito em virtude do gênero toca diferentes pessoas de diferentes maneiras:

As políticas de desenvolvimento não afetam da mesma forma os dois grupos de mulheres. As práticas que caracterizam o status e os papéis das mulheres variam de acordo com a classe. As mulheres são constituídas como mulheres por meio da complexa interação entre classe, cultura, religião e outras instituições e estruturas ideológicas. Elas não são “mulheres” – um grupo coerente – apenas com base em um sistema econômico ou política particular. Essas comparações interculturais redutoras resultam na colonização dos conflitos e contradições que caracterizam as mulheres de diferentes classes sociais e culturas. (MOHANTY, 1986, p. 344, tradução nossa)

Vemos, então, que essas mulheres apresentam uma resistência não violenta que também pode aparecer de forma discursiva, que é basicamente como funcionam as obras das autoras aqui pesquisadas, bem como de inúmeros outros que, por meio de seus escritos, dão voz a essa oposição. Chisala e Umbenyuo, entre outras autoras, ocupam espaço especialmente importante por serem mulheres, pois são triplamente objetificadas em virtude de seu gênero, raça e classe, visto que a esmagadora maioria das mulheres negras pertence à classe trabalhadora e, dentro dela, uma das mais baixas na hierarquia social. Além disso, como dissemos, o fato de serem mulheres não brancas e de terceiro mundo também torna sua produção literária diferenciada.

Embora Spivak (1995) acredite que o sujeito não pode falar, já que não tem espaço para se expressar, Bhabha (1998) afirma que há táticas usadas pelo outro que podem ser vistas como sua voz: a mímica ou a imitação, a paródia, além da cortesia dissimulada fazem ruir a sistemática monolítica do Outro, pois a língua é, afinal, uma atitude e isso quebra a primazia do opressor. Vejamos mais um exemplo de um dos poemas de *Soft Magic*:

Here you are,  
black and woman and in love with yourself.

you are terrifying.  
they are terrified.  
(as they should be). (CHISALA, 2015, s.p.)

O texto nos mostra uma mulher que está lá, como observamos no primeiro verso. O simples fato de estar já mostra uma imposição de sua presença, ainda que não acolhida pelo Outro, assim como no poema que clama: “Please, live.” Além disso, mostra que essa mulher é negra e que se ama, de acordo com o segundo verso. A auto estima de mulheres negras, sabe-se, vem sendo atacada por diversos meios e por muito tempo. No entanto, contra tudo isso, ela é apaixonada por si mesma e, por isso, parece, aos olhos dos Outros, “terrifying”. A reação deles é temer, “they are terrified”, e este é de fato o propósito dessa mulher porque ela acredita que eles deveriam estar: “as they should be”. Assim, ela se mostra segura, com uma posição assertiva, que pretende fazer com que os Outros sintam medo/respeito por ela.

Assim, a resistência é ferramenta importante nas mãos do outro objetificado. Por meio dela, tanto a violenta como a discursiva, *re-adquire-se* a subjetividade. O colonialismo, não só de terras, mas da mente, é um dos fatores mais eficientes na tarefa da objetificação do indivíduo e, ao perceber isso, surge a resistência e luta para superar este empecilho em busca de sua autonomia.



## IDENTIDADE

Outro tema fortemente presente nos dois livros se refere à identidade. Na verdade, a identidade perpassa por praticamente todos os poemas, mas se mostra mais desenvolvida em alguns deles. É fundamental ressaltarmos que a identidade abordada varia desde à fragmentação até à resistência e empoderamento dos sujeitos e/ou eu-líricos dos poemas.

Em se tratando da identidade no contexto pós-moderno, Hall (2019) comenta sobre a fragmentação frente aos diversos atravessamentos pelo qual o sujeito passa. Essa fragmentação é chamada de *descentramento* pelo autor e mostra como os indivíduos não se caracterizam como sujeitos integrais, completos. Dois desses descentramentos dizem respeito ao pensamento Marxista e às teorias feministas.

Em relação ao Marxismo, Hall (2019) argumenta que o sujeito não pode ser pleno, pois não é capaz de criar sua própria história, uma vez que a sua agência depende das amarras sociopolíticas e socioeconômicas. Dependendo da esfera em que se encontra, o indivíduo está subordinado às limitações dela. Assim sendo, a agência (não) é exercida dentro das condições que são oferecidas ao sujeito.

Em relação ao feminismo, Hall (2019) discute que o movimento enquanto crítica social propicia a visão relativizada pelo prisma da mulher. Ao se elencar o feminismo na formação da identidade, encontramos restrições à plenitude do sujeito, pois o gênero, inscrito em uma sociedade patriarcal, se constitui como um entrave. Retornamos aqui ao discurso de Davis (2016) sobre a intersecção gênero e classe e, se pensarmos que as poetisas em nossa análise são mulheres negras que escrevem sobre mulheres negras, temos a tríade problematizadora gênero/classe/raça, como mencionado anteriormente. Entretanto, nos poemas que analisamos, verificamos que essas limitações, apesar de reais, não impedem a agência feminina. Analisemos tais observações:

Today and all days,  
I am thankful for women of color  
who love/write/create/emote  
from the root  
and never  
apologize for their magic. (CHISALA, 2015, s.p.)

**Resistance**

A woman's body  
reflecting  
the language of her soul  
with no apology  
is a feared entity. (UMEBINYUO, 2015, s.p.)

O primeiro poema, de Chisala, faz referência às mulheres negras, como observamos no segundo verso, “women of

color”. O eu-lírico expressa gratidão às mulheres negras que desempenham várias ações “who love/write/create/emote”. Os verbos *escrever*, *criar* e *emocionar* expressam ações relacionadas à arte sugerindo que essas mulheres negras estão presentes nas esferas artísticas. No quarto verso vemos a palavra “root”, *raiz*, em português. Aqui, podemos inferir duas interpretações: por um lado, se relaciona com o fato de essas mulheres negras estarem na base da pirâmide social, ou seja, são as raízes; por outro, podemos deduzir que a palavra indica a ideia de ancestralidade. Nenhuma das duas interpretações se anulam, na verdade, se complementam.

Os dois últimos versos expressam a resistência dessas mulheres. Ao agirem de tal modo, tais mulheres *nunca* se desculpa pela mágica que criam, como se não precisassem fazê-lo. A palavra “never” retoma o primeiro verso “Today and all days”, contrapondo a frequência do agradecimento e do desculpar-se.

Concluindo, observamos que as mulheres negras, apesar de compreendermos as condições a que são constantemente submetidas pelo fato de serem mulheres e negras, são capazes de ações que não requerem nenhuma desculpa ou que, mesmo se necessitando, não são pedidas.

Suas ações não desculpadas geram mágica, elemento metafísico que cativa.

No poema de Umebinyuo, temos o empoderamento da mulher por meio de seu corpo. Contrariamente ao discurso que o estado patriarcal impõe às mulheres, no que se refere ao padrão de beleza, o poema da poeta nigeriana não faz referência à forma, mas ao estado. Vemos uma união do corpo e da alma, formando uma entidade.

O corpo da mulher, segundo o eu-lírico, ao refletir a linguagem de sua alma é poderoso. A junção corpo e alma reforça a constituição do sujeito como agente empoderado. Há uma conexão do físico – “body” – com o metafísico – “soul” – gerando não um simples sujeito, mas uma “entidade”.

Cabe também uma observação acerca da ação de expressar no corpo a linguagem da alma: a mulher só se transforma em entidade temida no momento em que não pede desculpas. O quarto verso do poema exprime a não necessidade de desculpar-se por sua ação “with no apology”. Novamente, assim, como vemos no poema de Chisala, a agência como meio de legitimar a sua resistência e o seu empoderamento não deve ser seguida de desculpas.

Podemos inferir que ambos os poemas lidam com a resistência feminina em um ambiente hostil a sua agência. Ou seja, é

esperado que as mulheres peçam desculpas, que justifiquem suas ações perante a sociedade, porém, ao se insurgirem, sem desculpar-se, propiciam mágica e dão à luz entidades poderosas e temidas. Observamos, assim, a crítica social que o feminismo é capaz de imputar. Ao criticar o papel de subalternidade e mudez, os poemas podem encorajar outras mulheres, que se encontram com suas identidades fragilizadas e sem esperanças para continuar, para que procurem o seu caminho, como no poema em que Chisala mostra que as mulheres, ao mostrarem sua força, podem provocar a estabilidade e hegemonia do Outro.

Em uma sociedade limitadora do fazer feminino, agir sem escusar-se é ser resistente, é se opor às fronteiras que balizam a formação do sujeito. Na lógica Marxista discutida por Hall (2019), seria escapar das categorias sociais que aprisionam o sujeito ao imobilismo social. Em se tratando da interseccionalidade discutida por Davis (2016), seria solapar os discursos dominantes patriarcais em torno da mulher.

## **CONCLUSÃO**

Esse estudo se propôs a analisar, por meio de poemas selecionados das obras *Soft Magic* (2015), de Upile Chisala e *Questions for Ada* (2015), de Ijeoma Umebinyuo, como a mulher negra perpassa pela experiência da diáspora, conseqüente resistência e, enfim, a retomada de sua identidade.

Percebemos que há peculiaridades impostas pelo gênero, uma vez que sobre a mulher negra incide uma tripla objetificação, qual seja: gênero, raça e classe, além da pressão em torno do padrão eurocêntrico de beleza, inatingível pela mulher negra.

Quanto à diáspora, concluímos que esta interfere na identidade (HALL, 2019), já que com o descentramento há perda do pertencimento a uma terra, a uma nação, mas também a perda de si, porque a partir do fenômeno diaspórico, as identidades passam a ser fragmentadas. Entretanto, as mesmas diásporas propiciam a negociação dentro das comunidades majoritárias, a hibridização das culturas e a formação de novas identidades, como foi exposto nos poemas que trataram sobre a temática.

A partir disso, a resistência se estabelece, tentando justamente a retomada do *status quo ante*. Tal resistência é percebida de forma diferenciada nas mulheres negras, que, com sua postura contínua e firme diante da sociedade, desenvolvem papel fundamental não só para a proteção e recriação de si, mas também para o homem negro e para a comunidade, dado seu caráter de fomentação do altruísmo e inclusão. Além disso, a resistência se configura no ajudar o outro ou dar forças para que o outro possa prosseguir,

como vimos no poema de Umebinyuo que incita as meninas negras a viverem.

A identidade se afirma e se reafirma dentro de contextos, na maioria das vezes, inóspitos, cruéis e homogeneizantes. Os poemas elencados sobre a identidade refletem o fato de que as mulheres não devem pedir desculpas por suas condutas, pois ao não o fazerem servem de exemplo para outras mulheres cujas identidades foram fragmentadas na convivência com o outro. É na altivez que a mulher extrapola os preconceitos e amarras a ela impostos.

Desta forma, nenhuma transformação foi, é ou será possível sem o movimento feminista criar uma base para a solidariedade entre mulheres. A sororidade é fundamental (HOOKS, 2019) para a retomada da identidade e completa descolonização: do corpo, da mente e da alma.

Os poemas escolhidos para esta análise demonstram o poder criativo e de resistência das poetisas africanas nos dois livros. Mulheres, diáspora, resistência e identidade se intercalam e se complementam em sua obra propiciando a reflexão não apenas sobre a interseccionalidade deles, mas sobre a necessidade de mulheres negras escreverem mais sobre si mesmas, sobre o imigrante e sobre a sua condição enquanto sujeito no mundo atual.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Érica Fernandes. *Diáspora: Resistência e Revide em Small Island* (2004), de Andrea Levy. 2010. 196f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2010. Disponível em: <http://repositorio.uem.br:8080/jspui/handle/1/4090>. Acesso em: 3 de fev. de 2021.
- ARENDT, Hanna. A special Supplement: Reflections on Violence. *The New York Review of Books*, v. 12, n. 4, Feb. 27, 1969.
- ASHCROFT *et al.* (Org.). *The Post-Colonial Studies Reader*. London: Routledge, 1995.
- BHABHA, Homi. K. *The Location of Culture*. London: Routledge, 1998.
- BONNICI, Thomas. *Conceitos-chave da Teoria Pós-Colonial*. Ed. Universidade Estadual de Maringá. Fundamentum n. 12. Maringá: Eduem, 2005.
- BRAH, Avtar. *Cartographies of Diaspora: Contesting Identities*. London: Routledge, 2002.
- DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.
- CHISALA, Upile. *Soft Magic*. Ed. Andrews McMeel Publishing. 2015.
- FANON, Frantz. *The Wretched of the Earth*. Harmondsworth: Penguin, 1990.
- HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2019.
- HOOKS, Bell. *O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras*. Tradução de Ana Luiza Libânio. 3. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2019.
- HOWKSLEY, Rupert. *How Upile Chisala became a voice for young, black women around the world*. Available at: <https://www.thenationalnews.com/arts-culture/books/how-upile-chisala-became-a-voice-for-young-black-women-around-the-world-1.933464>. Accessed on: 7th Jan. 2021.



- OXFORD Advanced Learner's Dictionaries (OALD). *Make do*. [c. 2021]. Available at: [https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/make\\_1#make\\_idmg\\_2](https://www.oxfordlearnersdictionaries.com/us/definition/english/make_1#make_idmg_2). Accessed on: 7th Jan. 2021.
- MOHANTY, C. *Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses*. 1986. Available at: <http://www.jstor.org/stable/302821>. Accessed on: 3rd fev. 2021.
- SAWLANI, Samira. *Ten Contemporary Poets in Sub-Saharan Africa*. March 21, 2016. Posted by "cacedirector". Available at: <https://writivism.org/2016/03/21/1076/>. Accessed on: 7th Jan. 2021.
- SPIVAK, Gayatri. C. Can the Subaltern Speak? In: ASHCROFT *et al.* *The Post-Colonial Studies Reader*. London: Routledge, 1995, p. 24-28.
- UMEBINYUO, Ijeoma. *Questions for Ada*. Ed. Createspace Independent Publishing Platform, 2015.
- VAN HEAR, Nicholas. *New Diasporas: The Mass exodus, dispersal and regrouping of migrant communities*. London: UCL Press, 1998.
- WITT, Lara. *Decolonizing Poetry: an interview with Ijeoma Umebinyuo*. Available at: <https://medium.com/@Femfefeministe/decolonizing-poetry-an-interview-with-ijeoma-umebinyuo-bc4c0651587f>. Accessed on: 3rd Feb. 2021.

Érica Fernandes Alves

Doutora (Universidade Estadual de Maringá – UEM).

Professora da graduação (UEM); professora do Mestrado e do Doutorado (PLE-UEM).

Participa do "Grupo de Estudos em Multiculturalismo e Pós-colonialismo (GEMUP)", da UEM; coordena o projeto de pesquisa "Literaturas de Resistência", também da UEM.

<http://lattes.cnpq.br/6485711533901908>

<https://orcid.org/0000-0002-7691-2976>

[efalves@uem.br](mailto:efalves@uem.br)

Geniane Diamante Ferreira Ferreira.

Doutora (Universidade Estadual de Maringá – UEM).

Professora da UEM; professora do mestrado e doutorado (PLE-UEM).

Coordenadora adjunta do “Grupo de Estudos em Multiculturalismo e Pós-colonialismo” (GEMUP); coordenadora do projeto de pesquisa “Literatura e o Sujeito Diaspórico”.

<http://lattes.cnpq.br/7393569709682529>

<https://orcid.org/0000-0003-4955-3338>

[gdferreira@uem.br](mailto:gdferreira@uem.br)